

Eluana, um caso precedente na história?

Um caso recente de eutanásia, o da jovem italiana Eluana, trouxe a tona na mídia mundial a infindável discussão sobre este tema polêmico. A eutanásia, o aborto, o direito dos animais, e tantas outras questões éticas possuem como característica essencial exatamente o poder de dividir as opiniões. E é justamente isso que está acontecendo atualmente, principalmente, na Itália, um rebuliço geral.

A ética está associada desde a antiguidade, aos costumes e aos hábitos, âmbitos onde a lei, na maioria das vezes, não é bem vinda. Em relação a eutanásia, os argumentos são fortes de ambos os lados e em determinados momentos nos parecem tão convincentes que fica difícil ter uma posição definitiva a respeito. E, no seio da dúvida, a sociedade entra em ebulição. Nas questões éticas, neste caso específico a eutanásia, o embate se estabelece basicamente em três dimensões, são elas: a religiosa, a científica e a dimensão ética-política que abrange todas as demais. Os argumentos da primeira estão vinculados ao poder de tirar a vida, que não está no âmbito dos homens, mas que pertence única e exclusivamente a Deus. Os da segunda demonstram que em determinadas situações – como o caso de Eluana que aos 21 anos de idade teve morte cerebral – a vida já não existe e que o que permanece é apenas um movimento sustentado pela mecânica dos artefatos, uma vida artificial que, se sustentada indefinidamente, poderia tornar imortal – imortal? - a jovem italiana.

É paradoxal, mas os aparelhos que sustentam um paciente terminal podem prorrogar por tempo indefinido o impulso vital. Mas, impulso vital não é vida, sustentam os utilitaristas, pois se não há consciência não existe a possibilidade de escolha. Este é outro ponto importante da questão ética que envolve o caso de eutanásia da jovem Eluana e tantos outros que não nos chegam ao conhecimento. Não foi ela quem optou pela suspensão da alimentação que a mantinha em estado vegetativo e sim a decisão de uma corte suprema que atendeu ao pedido de seus parentes direto. Este é o contexto ético-político. A lei italiana, uma expressão da vontade geral que, em última instância, demanda do povo, é contrária a prática da eutanásia, mas a corte, re-interpretando a lei agora num contexto individual, concede o direito para aos familiares da jovem Eluana de interromper o processo artificial que a manteve em estado vegetativo por 17 anos. Assim, a vontade particular se sobrepõe à vontade geral que neste caso é representada pelo Estado, e a revolta se instala. O Estado democrático Italiano não cumpriu o seu papel de representante da vontade da maioria, não fez valer a lei, este é o problema ético-político que o caso Eluana trás à tona.

Está aberta a exceção e com ela a brecha para derrubar a lei. Por isso o rebuliço na Itália e no resto do mundo em torno do caso da jovem Eluana. Ela se foi depois de dezessete anos de alimentação artificial e deixou para trás, de forma completamente inconsciente, um rastro de discórdia que por certo a colocará na história da ética teórica. A propósito, quantos anos tinha Eluana quando morreu na semana passada, 21 ou 38?

Sérgio Peixoto Mendes, filósofo

Contato: autor@sucatinhas.com.br